

EIXO TEMÁTICO 11 | QUESTÕES AGRÁRIA, URBANA E AMBIENTAL

COMO NASCE UM BAIRRO: um estudo de caso sobre o programa Habitar Brasil na cidade de Parnaíba – PI

HOW A NEIGHBORHOOD IS BORN: a case study on the Habitar Brasil program in the city of Parnaíba - PI

Vivianne de Oliveira Costa¹

RESUMO

A sociologia considera o espaço construído um elemento significativo da cultura, para além disso, a constituição das cidades demonstra que nossa sociedade passou por um processo de tomada de consciência sobre a relevância do espaço construído. Pensando nisso, este trabalho, busca discutir a implementação do Programa Habitacional, Habitar Brasil ou conjunto habitacional João Paulo II, no bairro Mendonça Clarck localizado na cidade de Parnaíba – PI. Temos como principal objetivo traçar um panorama da constituição do programa habitacional no âmbito do crescimento urbano das cidades médias brasileiras, trazendo como suporte empírico o caso da cidade de Parnaíba.

Palavras-chave: Estado; Política Pública; Habitação; Parnaíba.

ABSTRACT

Sociology considers built space to be a significant element of culture, and the constitution of cities shows that our society has become aware of the importance of built space. With this in mind, this work seeks to discuss the implementation of the Housing Program, Habitar Brasil or João Paulo II housing complex, in the Mendonça Clarck neighborhood located in the city of Parnaíba - PI. Our main objective is to outline the constitution of the housing program in the context of the urban growth of medium-sized Brazilian cities, using the case of the city of Parnaíba as empirical support.

Keywords: State; Public Policy; Housing; Parnaíba.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós – Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS/UECE)

1 INTRODUÇÃO

A habitação é um direito primordial de todos os cidadãos. Enquanto necessidade básica de uma sociedade, a habitação está relacionada ao princípio de dignidade da pessoa humana. Por ser um dever exercido pelo governo, o de promover moradia digna, o processo de implementação de política pública voltada para a habitação ainda é um instrumento que envolve uma série de medidas principalmente para grupos vulneráveis e de baixa renda. Nesse sentido, as políticas de habitação também têm interesse em melhoria da infraestrutura urbana e de alguma forma, reduzir o impacto das desigualdades, embora muitos programas habitacionais sejam criados com esse pano de fundo, nem todos conseguem responder as expectativas da sociedade, gerando desconforto social e político na busca de um padrão de cidade igualitária no qual toda e qualquer pessoa, possa desfrutar de moradias “dignas”.

É pensando nesse debate, que este artigo tem como objetivo fazer algumas considerações sobre o conjunto habitacional João Paulo II, criado a partir da iniciativa e implementação do Programa Habitar Brasil localizado no bairro Mendonça Clarck na cidade de Parnaíba – PI. Para isso, tomaremos enquanto ponto de partida, o que as teorias sobre o urbano nos fala a respeito da cidade e do processo de construção de conjuntos habitacionais como forma de realocação dos habitantes para moradias dignas bem como, uma forma de revitalização de centros urbanos e de moradias subnormais.

Essa pesquisa se trata dos resultados parciais da minha pesquisa de doutorado, desenvolvido na Universidade Estadual do Ceará, pelo Programa de Pós – Graduação em Sociologia e interessa-se em entender como se desenvolveu a produção desta política e sua implementação na cidade de Parnaíba – PI, fazendo uma análise da política pública de habitação enquanto ferramenta de modificação do espaço urbano.

Para isso fazemos a utilização de um conjunto de métodos, técnicas e epistemologias que nos permita compreender os diversos elementos circunscritos no fenômeno urbano. De acordo com Haguette (2007) o pesquisador também deve ser consciente que toda pesquisa em Ciências Sociais requer muita atenção, humildade, honestidade e rigor teórico-metodológico para com o fenômeno social. Dessa forma, métodos como a observação participante e a etnografia, por exemplo, se tornaram recursos metodológicos indispensáveis para a efetividade das pesquisas empíricas em Ciências Sociais, como podemos perceber em trabalhos desenvolvidos pela escola norte americana de Chicago e por diversos sociólogos e

antropólogos brasileiros e da América latina que buscam compreender a dinâmica social do meio urbano e suas representações (COULON, 1995; MAGNANI, 2002, VELHO, 2004).

O interesse em pesquisar o bairro Mendonça Clarck e o conjunto habitacional, surgiu durante o processo de confecção da minha dissertação de mestrado. No caso, pesquisava o bairro São José, com o intuito de identificar as formas de sociabilidade e pertencimento dos moradores locais do bairro bem como o sentimento de ressentimento diante das promessas inacabadas da suposta modernidade tardia que a cidade atravessara durante o século XIX. Nesse processo de pesquisa de campo, me deparei com algumas questões que direcionava para o bairro Mendonça Clarck, que naquele momento não seria de interesse da pesquisa. Durante as conversas com os moradores locais, era-me apontado o bairro Mendonça Clarck enquanto um antro de marginalizados e “maconheiros” que sujavam o bairro vizinho (São José). Quando questionava sobre o que haveria de ruim no bairro São José, alguns moradores apontavam que o que tinha de ruim era o bairro Mendonça Clarck, pois os limites entre um bairro e outro era muito próximo, quase não havendo diferença de um bairro para o outro.

Portanto, acredito que, pesquisar sobre o bairro Mendonça Clarck além de trazer um complemento as pesquisas anteriores, trará uma forte rede de dados para a cidade de Parnaíba, que passa hoje por um processo lento de urbanização, embora tenha tido um crescimento demográfico acelerado depois nos anos 50.

2 A SOCIOLOGIA E A CIDADE

Pensar habitação, é também pensar em cidade. Nesse sentido a cidade enquanto categoria sociológica no âmbito dos estudos urbanos se torna palco das pesquisas desenvolvidas no âmbito das Ciências Sociais. No processo de modificação que o espaço vem experimentando nas últimas décadas diante da esfera social, cultural, política e econômica, as teorias sobre a cidade vão tentando se ajustar ao cenário global.

Antropólogos e Economistas, Sociólogos, e Historiadores, Arquitetos e Cientistas políticos, Planejadores Urbanos e Geógrafos buscam pensar a cidade sob seus ângulos e seus vértices, fotografam-na por diversas lentes as suas facetas estruturais e subjetivas. Descrita enquanto lugar de conflitos sociais, onde a *sociedade dos indivíduos* atua direta e indiretamente, como nos diz a sociologia urbana clássica, a cidade é o espaço fragmentado que articula os reflexos do condicionamento social, (Weber, 1984) são os símbolos que em conjunto

denotam a cidade, como um *campo de lutas*, e dessa forma a própria sociedade como parte dessa dimensão, que se materializa nas suas formas espaciais.

Mas afinal o que é cidade? Nos termos mais comuns da palavra, podemos defini-la como um aglomerado de pessoas dentro de uma área previamente definida (BOUDON, 1990), no entanto, apenas esse conceito não dá conta de responder às complexidades desta categoria. A cidade então tem suas confluências enquanto produto da civilização. Temos de um lado, a arquitetura física, o espaço simbolicamente construído através dos tipos sociais, e temos também, o cenário em que se desenrolam as ações humanas desde as paixões aos medos, pois uma cidade existe para que haja interação, logo, assumo a cidade enquanto “palco”, tomando como categoria analítica goffmaniana, em que transcorre o enredo da vida cotidiana.

O ambiente da cidade, é produzido através dos *atores sociais* que compartilham esse espaço o tornando funcional, são eles que irão reivindicar, como mostra Henry Lefebvre (2004), o direito de estar e permanecer na cidade, pois além de tudo, ela é também um produto social resultante das ações que se acumulam através do tempo, construídas pelos agentes que *produzem e consomem* o espaço. Lefebvre ainda trata de como os atores que compartilham esse mundo, ou o jogo da cidade tem necessidade de ver, ouvir, tocar e degustar a cidade, de acordo com ele

Trata-se de uma necessidade criadora, de obra (e não apenas de produtos de bens materiais consumíveis, necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. Através dessas necessidades especificadas vive e sobrevive um desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como o esporte, a atividade criadora, a arte e o conhecimento são manifestações particulares e momentos que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos (LEFEBVRE, 2004, p. 103/104).

Nesse cenário, as cidades proporcionam reflexões sobre os laços e vínculos sociais que se estabelecem enquanto formas de *socialização* e *sociabilidade*. Atravessada pelo antagonismo entre as condições sociais, culturais e econômicas, de modo a estruturar uma teia de tempos e espaços significativamente descontraídos. A cidade é corpo que fala e pensa que age e sente enquanto produto da atividade criadora dos seus produtores, ou como nos lembra Fortuna (2018), são os fazedores da cidade que a tornam uma teia de necessidades lúdicas de formas de pensar, agir e ser. Este mesmo autor, ainda nos diz que a cidade mostra e esconde ao mesmo tempo, para ele, existe uma “surpeficialização do revelado”, o que a cidade faz ver daqueles que usufruem dos seus espaços?

As Ciências Sociais têm problematizado temas itinerantes no que diz respeito à vida urbana, ao mesmo tempo revelando o que se espera das cidades enquanto categoria sociológica. Reduz-se a cidade ao acúmulo de problemas sociais, ao imediato que é pintado na cena urbana, as grandes estruturas que representam de forma nítida a sua superestrutura. Nos interstícios dela há o submundo, o que fica por baixo, além das margens e das beiras dos rios, além dos processos sociais que culminam na desigualdade, além da superfície da cidade, o invisível urbano (FORTUNA, 2018), logo seria um dos papéis da Sociologia Urbana, debruçar-se sobre esses invisíveis.

Podemos observar na literatura de autores como Latour (2012); Ingold (2012); Jhon Urry (2021); Walter Benjamin (1998); Lefebvre (1967); Meneguello (2009), uma tentativa de resgatar para as Ciências Sociais o que a cidade invisibiliza enquanto produção de conhecimento. Há, portanto, que considerar os fluxos, as mobilidades, a cotidianidade, as imagens, as informações, os resíduos (URRY, 2013, p. 44).

A sociedade enquanto estrutura social regula e organiza a vida em sociedade, os indivíduos que dela fazem parte não estão isolados, mas sim intrinsecamente interligados em uma rede global de compartilhamento. Se antes a cidade era vista enquanto uma teia de significados e símbolos outrora compartilhados, ou como Park (1967) sugere no plano ecológico, moral e natural, hoje talvez a unidade seja a rede.

Essa rede interage direta e indiretamente com os indivíduos e o que existe ao seu redor, como linhas que emergem sob uma cartografia maior. De acordo com Meneguello (2009), a prática de cartografar a realidade ao pesquisarmos as paisagens sociais refletem na tarefa de trazer à tona as linhas, não enquanto uma representação da realidade, mas enquanto uma composição de mundos presentes no viver. Em sua proposta, não examinaríamos o real, mas acompanharíamos os processos em que a realidade é produzida.

O indivíduo enquanto produto da última modernidade que estar antenado com o mundo, consumindo e produzindo, é também um difusor das linhas da nova urbanidade (RIBEIRO, 2008). Conectado ao universo das redes sociais, ao invisível e visível mundo virtual, dispõe de um ambiente que se torna indispensável para que exista outro, pois na sociedade contemporânea muitas vezes, o presencial depende do virtual. Seja em grupos de *whats app*, ou nas páginas do *Instagram*, comentários no *Twitter*, aplicativos de relacionamento marcam-se encontros, protestos, movimentos de rua, seminários e congressos, feiras e festejos santos, a globalidade e a velocidade da informação interagindo em simbiose com o ambiente externo

a ela, para que também a faça existir.

Os objetos por exemplo, agem dando sentido a ação ao vivenciar e experimentar a vida na cidade. De acordo com Bruno Latour (2012) o mundo social pode ser tão variado quanto uma paisagem irregular e montanhosa (LATOUR, 2012, p.97). As relações materiais não se limitam apenas no que os indivíduos possam fazer, por exemplo, com um aparelho celular ou uma peça de um jogo de dominó na calçada. Na esfera simbólica, o que pode modificar a ação de um objeto é o ator social, assim, de acordo com Latour

(...) Qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator – ou caso ainda não tenha figuração, um actante (...). Se você puder, com a maior tranquilidade, sustentar que pregar um prego com ou sem um martelo, ferver água com ou sem uma panela, transportar comida com ou sem um cesto, andar na rua com o u sem roupas, zapear a televisão com ou sem o controle remoto, parar um carro com ou sem um freio, fazer um inventário com ou sem uma lista, administrar uma empresa com ou sem contabilidade são exatamente as mesmas atividades, que a introdução desses implementos comuns não muda nada “de importante” na realização de tarefas, então você está pronto para visitar a Terra Longínqua do Social e desaparecer daqui. Para todos os membros da sociedade esses implementos fazem diferença e são, pois, segundo nossa definição, atores- ou, mais exatamente, participe no curso da ação que aguarda figuração. (LATOUR, 2012, p. 108)

A cidade, nesse sentido, proporciona a articulação entre o morador (*partícipe*) e o seu mundo através das relações que se estabelecem entre os atores e os objetos, entre o vivo e o não vivo, demarcando o viver e o sentido de cada experiência no mundo. Como nos lembra Calvino (1990) “*a cidade permanece na memória ponto a ponto, na sucessão de ruas e casas ao longo das ruas e das portas e janelas das casas*” (p.20), essa sucessão e permanência que tratamos dos sujeitos (atores sociais) que compõe este espaço e a forma em que o tempo, o cheiro, o ritmo, vai contornando o viver de cada morador, na arquitetura, nas subjetividades, na vida diária.

Diante disso, podemos nos perguntar quem produz a cidade? O ambiente citadino, é produzido através dos *atores sociais* que compartilham este espaço o tornando funcional (ou não), são eles que irão reivindicar como mostra Henry Lefebvre (2004) o direito de estar e permanecer na cidade, pois além de tudo, ela é também um produto social resultante das ações que se acumulam através do tempo, construídas pelos agentes que *produzem e consomem* o espaço (CORRÊA, 1995, p.11). Como percebe Heitor Frúgoli (2000; 2007), os estudos sobre cidades, são marcados pelos fenômenos contraditórios do capitalismo industrial, que torna uma massa de trabalhadores rurais em proletariados urbanos, aqui caberia ressaltar grandes

estudos que tomam como ponto de partida para as pesquisas sobre cidade, a relação entre rural e urbano, pois tal relação dá suporte às pesquisas para que compreendamos a diferenciação de estratos sociais e econômicos, que acentuava cada vez mais uma gama de conflitos sociais, culturais e políticos, caracterizados pela segregação de grupos e sujeitos que buscaram autonomia e viver nas cidades.

Sem dúvida com o advento das novas políticas bem como a emergência do neoliberalismo, faz com que se estabeleçam novas demandas no que diz respeito a produção e reordenamento do espaço urbano ou como reforça Lefebvre, na reprodução do capital e dos meios de produção (LEFEBVRE, 1991). A cidade entra em conflito quando essa massa de trabalhadores é de certa forma enxugada do cenário urbano (LIMONAD, 2008) ocasionando assim, o aumento do desemprego, da suburbanização e o empobrecimento da malha urbana, sem consumir e sem produzir.

Viver, habitar, existir e construir são verbos que continuamente vemos em textos sobre o espaço da cidade bem como, da experiência humana na esfera cotidiana, do morador que constrói seu mundo nesse ambiente, do seu cotidiano encravado no seio das relações sociais. Vale aqui ressaltar que a concepção de cidade moderna, como também percebe Harvey (2007) e Jacobs (2000), seria aquela projetada com traçados geometricamente racionais, seguindo padrões arquitetônicos que permitisse a funcionalidade e a eficiência do seu tecido urbano, cortada por longas avenidas, por bairros cuidadosamente planejados, por uma cadeia econômica que oferecesse serviços de lazer e entretenimento.

3 O PROGRAMA HABITACIONAL HABITAR BRASIL

O programa habitacional Habitar Brasil foi lançado com o objetivo de promover o acesso a moradia digna para famílias de baixa renda no Brasil. Ele se baseia em parcerias entre o governo, o Banco Nacional de Habitação – BNH, organizações sociais e empresas privadas para viabilizar a construção das moradias. O programa nasce com a finalidade de atender as necessidades habitacionais de famílias em áreas de risco, comunidades rurais, e pessoas em situação de vulnerabilidade social, como nasce grande maioria dos Programas Habitacionais oferecendo subsídios e formas de financiamento facilitados a estimular a compra de imóveis e a regularização fundiária, bem como a urbanização de áreas precárias, como no caso do bairro Mendonça Clarck.

Em 2009 é realizado a implementação do programa de habitação Habitar Brasil - BID, na cidade de Parnaíba. Este programa foi financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, e idealizado enquanto proposta de melhores condições habitacionais para pessoas com baixa renda. De acordo com Cervelin (2006) o programa Habitar Brasil é financiado a partir dos recursos entre o empréstimo da União Federal e o BID.

Em sua proposta de intervenção, e de acordo com o Regulamento Operacional do Programa (2004) está “contribuir para elevar os padrões de habitabilidade e de qualidade das famílias com renda mensal de até três salários-mínimos residentes em assentamentos subnormais em regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e capitais de Estados” (p.5). No entanto, para que o município fosse beneficiado com o programa, era necessário que houvesse a implementação do Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Subnormais – PEMAS².

De acordo com o relatório feito logo após a implementação do programa, junto a prefeitura municipal de Parnaíba, foram entregues 200 casas e 140 melhorias de unidades habitacionais (2009, p.06) no que foi chamado de Conjunto Habitacional João Paulo II.

Ainda, de acordo com o relatório, durante o processo de revitalização do Mendonça Clarck (2009), o bairro se caracterizava como um “cortiço”. O mercado municipal de Parnaíba, também conhecido como “mercado da 40” que hoje é um dos maiores pontos comerciais do Mendonça Clarck, foi revitalizado em 1991, no entanto não perdurou durante tanto tempo, pois muitos feirantes não conseguiram se manter por conta das taxas cobradas, deixando assim os galpões abandonados, passando estes a servir de moradia para as famílias que não tinham onde residir, famílias estas vindas dos interiores próximos (Ceará, Maranhão, Bom princípio do Piauí, etc.) e outras vítimas das enchentes causadas pelo rio Igarazu³.

O processo de revitalização do mercado está atrelado ao de revitalização junto ao programa Habitar Brasil, no entanto, esse processo foi realizado antes mesmo de iniciar o programa na cidade.

Ainda de acordo com o relatório apresentado pela prefeitura de Parnaíba, as condições dos galpões eram em “média de 02 cômodos, sem ventilação e luminosidade, sem unidades sanitárias” (p.11). Possuíam água e eletricidade de forma clandestina (gambiarra), além do acúmulo de lixo e de água empossada em alguns locais. Sobre isso, há matérias em jornais de

² Esse plano se compromete em realizar e analisar como será executado o programa naquela região buscando implementar estratégias de baixo custo de habitação para regularizar o que eles chamam de “bairros subnormais”.

³ Principal afluente de Parnaíba que corta a cidade juntamente com o rio Parnaíba.

circulação da cidade, como o Jornal Inovação, por exemplo, que traz com certo tom crítico o mau uso do local e desprezo por parte dos governantes.

4 O BAIRRO MENDONÇA CLARCK E SUAS NUANCES

O bairro Mendonça Clarck surge com a chegada do período industrial na cidade de Parnaíba. Momento este que ficou conhecido como “era de ouro” no qual a cidade passa a apresentar um significativo crescimento econômico, fazendo com que o Piauí se destacasse como importante polo industrial. Os trabalhadores que vinham de municípios e estados vizinhos como Maranhão e Ceará trasladavam a caminho de Parnaíba em busca de melhores oportunidades de emprego nas indústrias de curtume, charque, importação de matéria-prima como algodão e a cera da carnaúba⁴. A procura de moradia, construíam suas casas próximo ao Porto de importação e exportação (Porto das Barcas)⁵ onde se localizava a parte comercial da cidade, a beira do rio Igarauçu, local no qual o bairro vai surgindo aos poucos com pequenas casas de barro batido.

O Mendonça Clarck, por sua vez denota características historiográficas marcadas pelo estigma da periferização. Este bairro possui uma população distribuída em 2.593 habitantes. Marcado por nomes como: “Areinha”, “Mendonça Crack”, “Carandiru”, o bairro é hoje para a cidade de Parnaíba a marca da “favelização”. O que antes era tido enquanto bairro onde todos queriam morar por conta da implementação do programa, hoje é estereotipo de crime e violência. Para alguns moradores dizem que morar no MC é ter sua identidade incorporada a uma soma de aspectos, como por exemplo ser faccionado e manter uma soma de relações que se fazem e refazem com o crime.

Assim como, para outra parte dos moradores, morar no MC, é símbolo de tradição. Por ser um dos bairros que compõe a malha tradicional da cidade assim como o bairro São José, por exemplo, é digno morar e habitar no bairro, embora suas características tragam um sentimento de medo e insegurança, o sentimento de pertencimento se sobressai.

O bairro faz limites com outros bairros localizados na região central de Parnaíba, sendo

⁴ Ver: Veras, Alexandra Sablina do Nascimento. **Usos do passado, memória e apropriações do patrimônio industrial de Parnaíba, Piauí (1940, 1970n – 1980; 2000 - 2019)**, dissertação (mestrado em História) Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2019.

⁵ Porto no qual historicamente a Vila de Parnaíba nasce. O Porto das Barcas é um conjunto arquitetônico que hoje abriga galpões das ruínas das indústrias e do comércio vigentes entre o final do século XIX e início do XX.

eles: São José, Coroa, Centro e Nossa Senhora do Carmo, ambos os bairros determinam os limites da área central da cidade.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho se trata de uma pesquisa em andamento, portanto os resultados apresentados aqui são resultados parciais que pude colher durante os anos de 2022 e início de 2023. Ainda, se trata de uma tentativa tímida em busca de responder algumas lacunas que ficaram abertas durante o trabalho de campo no bairro Mendonça Clarck.

Nessa proposta, buscou-se analisar um bairro tido como periférico da cidade de Parnaíba – PI. O bairro Mendonça Clarck, encontra-se no entorno da área central de Parnaíba, compondo os bairros que beiram o rio Igarçu. Na fala de vários parnaibanos, principalmente os mais idosos, que a descrevem ainda sob as histórias do seu alavancar industrial, o peso da construção social de cidade litorânea, entretanto interiorana, também estão presentes enquanto um sentimento nostálgico.

Essas narrativas orais, dos moradores, também me permitiram compreender as histórias de vida dos atores sociais envolvidos nesta pesquisa (agora também colaboradores) e como os mesmos situam seus trajetos, experiências pessoais e desenvolvem sentimentos de pertencimento em relação a cidade e ao bairro. Segundo Eckert e Rocha (2013), conseguimos compreender histórias e narrativas orais, quando alcançamos o acesso a memória individual e, conseqüentemente, a experiência compartilhada do ator social sob a dinâmica do tempo e da duração. Paralelo a observação participante e as entrevistas com seus atores, a pesquisa será conduzida por uma pesquisa historiográfica e etnográfica do ambiente do bairro, para uma melhor compreensão do processo de construção e implementação da política habitacional.

Entre as visões de cidade moderna, tradicional, interiorana, desenvolvida ou subdesenvolvido etc., nos conduz a interpretação sobre as experiências de vida dos moradores nas cidades contemporâneas. Debruçar em saber como se define o modo de vida urbana e os grupos de atores que compõe este cenário, nos incentiva a refletir sobre as interdependências entre a espacialidade, o território, a história e o tempo da cidade.

A pesquisa proposta por este projeto se insere como parte deste panorama social. A cidade percebida aqui como palco de encontros, desencontros, classificações e desigualdade, produzindo vínculos sociais e emocionais de aceitação, afeição ou repulsa na interdependência

entre seus semelhantes e dessemelhantes atores (ELIAS, 1994). O interesse desta pesquisa recai, principalmente, na compreensão da construção de vínculos sociais entre moradores do bairro Mendonça Clarck e suas potencialidades que permitem a criação e o estreitamento dos laços sociais marcados pelas formas de sociabilidade no urbano contemporâneo

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alexandre Paz; COSTA, Vivianne Oliveira; SILVA, João Carlos Soares. *Entre a subjetividade e intersubjetividade no urbano brasileiro: De Gilberto Velho a Mauro Koury e as ciências sociais da emoção*. Sociabilidades urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.2, nº4, p. 51-62, março de 2018.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.
- BOURDIEU, PIERRE. *Razões Práticas*, São Paulo, Ed. Papirus, 1994.
- CEVELIN, Fabiana de Oliveira. *O acompanhamento do programa Habitar Brasil – BID: desafios para o serviço social*. Trabalho de Conclusão de curso, Florianópolis, 2006.
- COULON. Alain. *Escola de Chicago*, Campinas SP, Ed. Papiros, 1982.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 3 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às ciências humanas – tentativas para uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Prefácio Marco Antônio Casanova- Rio de Janeiro, ed. Forense Universitária, 2010.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizacional*. Cap1- Da sociogenese dos conceitos de “civilização e “cultura” (p.59-75); publicações Dom Quixote, volume 1, Portugal, 1989.
- GADAMER, Hans – Georg. *Verdade e método I*, editora Vozes, Petrópolis, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC; 1978.
- GUIDDENS, Antony; TURNER, Jonathan. *Teoria social hoje*, São Paulo, editora Unesp, 1999.
- HAGUETTE. Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*, Petrópolis, Vozes, 2005.
- HANNERZ, Ulf. (1986), *Exploración de la ciudad*. México, Fondo de Cultura Económica.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*, Editora Atlas, 4º edição, São Paulo, 2004.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma teoria do ator rede*, Edufba, 2012.
- LEITE, Kelen Christina. *A (in)esperada pandemia e suas implicações para o mundo do trabalho*. Revista psicologia e sociedade, vol.32 Belo Horizonte (p.1-18), 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *A antropologia urbana e os desafios da metrópole*. Revista Tempo Social, (p.81-95), Aula inaugural na FFLCH/USP, abril, 2003.

MALINOWSKI. Bronislaw. *Argonautas do pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*, 2ª edição, os pensadores, Abril cultural, São Paulo, 1978.

MICHEL. Agier. *La Antropología de las identidades em las tensiones contemporâneas*. Instituto de Investigación para el Desarrollo (IRD), París, Escuela de Altos Estudios em ciências sociais. Revista Colombiana de Antropologia Volume 36 enero- diciembre (p.6-19), 2000.

RICHARDSSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social, métodos e técnicas*. 3ª edição, Editora Atlas, 2012.

SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpressão da 16ª. ed. de 1996.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. *A utopia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982. WAGNER, Roy. *A invenção da Cultura*. Ed. Cosacnaify portátil, São Paulo, 2012. WEBER, Max. *Conceitos Sociológicos Fundamentais*. Covilha: Lusofia-press, 1979. _____. *Ensaio de Sociologia*. Ed.S.A, 4ª edição, Rio de Janeiro, 1982. _____. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.